

A máquina e o fantasma

A máquina e o fantasma

Aulus Araújo Neto

Florianópolis/SC
2025

Sumário

Advertência ao Leitor	09
Capítulo 1 - As Duas Mãos	25
Capítulo 2 – Simbiose	57
Capítulo 3 – Germinal	87
Capítulo 4 – Cadeira Vazia	117
Capítulo 5 – Oração de Seu Francisco	153
Capítulo 6 – Ata de Fundação	183
Capítulo 7 – A Sentença	215
Capítulo 8 – Pescando o estáter	245
Capítulo 9 – Cartografia da Alma	271
Capítulo 10 – O Mal-Estar na Modernidade	301
Capítulo 11 – A Valsa Final	333
Capítulo 12 – A Farda e a Alma	363
Capítulo 13 – O Gabinete e a Maca	397
Capítulo 14 – O Fim do Começo	421

Crônica de um jovem médico que, para verdadeiramente cuidar dos doentes, se viu forçado a diagnosticar e a tratar a enfermidade mais grave de todas: a da própria Medicina, que em sua busca pela Ciência, havia perdido a Alma.

Advertência ao Leitor

A história que se desdobrará nas páginas seguintes, leitor amigo, é real. E digo-o não como um artifício para lhe capturar a curiosidade, mas como uma advertência. Nenhum dos fatos essenciais que aqui narro foi alterado; são, em sua alma, a crônica fiel de uma jornada. Contudo, não espere o leitor a precisão cartográfica de um relatório ou a nudez de um processo judicial. Usei, e com a liberalidade que a nossa rica língua portuguesa permite, da licença poética do cronista, que troca o nome de um personagem para lhe proteger a honra, que condensa os anos em parágrafos e que busca, por trás da casca do acontecido, a amêndoa do seu significado. Que fique claro, sobretudo, que os nomes dos que me procuraram em sofrimento foram trocados, pois a dor de uma alma, uma vez confessada a um médico, se torna um segredo sagrado.

Feita a advertência, cumpre-me dar o segundo aviso, o que diz respeito à natureza desta viagem. O que se propõe aqui

é um mergulho em águas profundas, e antes de um tal mergulho, o bom instrutor oferece uma aula magna de como se portar dentro do escafandro. A leitura que se seguirá exigirá do leitor não a sua passividade, mas a sua coragem. Desceremos a paragens onde a pressão das convenções sociais é imensa, onde a escuridão do dogma – seja ele o da religião ou o da própria ciência – é quase absoluta, e onde o gelo da solidão intelectual pode congelar os mais calorosos ideais.

Não espere, pois, que eu lhe forneça a luz. A única lanterna que lhe será útil nesta jornada é a de sua própria consciência, a sua luz individual. O meu papel não é o de um guia que já conhece o mapa do tesouro, mas o de um companheiro de mergulho que apenas aponta os lugares onde talvez valha a pena procurar. E a música que ouviremos neste oceano da alma, cada ouvido a interpretará com as ferramentas que possui, com os gostos que já traz em si. Não pretendo ensinar nada de novo a ninguém; pretendo apenas, ao contar a minha história, talvez ajudar o leitor a lembrar-se de verdades que a sua própria alma já conhece.

Sei bem que este meu modesto escrito terá muitas sortes, tantas quantos forem os seus leitores, e a um autor, em seu ofício, cabe a resignação de entregar a sua obra ao mundo, sabendo que ela será lida de mil maneiras distintas. E faço aqui uma breve categorização dos que talvez me deem a honra de sua atenção.

Haverá os desatentos, que passarão os olhos pelas linhas como um pássaro que sobrevoa um campo, sem jamais lhe tocar a terra, e que, ao final, dirão apenas que a viagem foi longa.

Haverá os curiosos, que buscarão a anedota, o caso clínico, o drama da obsessão ou da política acadêmica, e se satisfarão com o enredo, como quem vai ao teatro apenas para saber se, ao final da peça, os amantes ficam juntos.

Haverá os pessimistas, que encontrarão em minhas decepções e nas misérias que narro a confirmação de sua própria e amarga visão do mundo, e dirão, com um suspiro de satisfação: "Eu já sabia. A humanidade não tem conserto."

Haverá os maldosos, de alma avinagrada, que lerão cada linha com a lupa do censor, à caça de uma contradição, de uma fraqueza do autor, de um motivo para desqualificar não a obra, mas o obreiro, pois o seu prazer não está em descobrir a beleza, mas em apontar o defeito.

Haverá os ignorantes e os brutos, que não compreenderão a sutileza da ironia nem a profundidade da dor, e acharão tudo uma grande bobeira, uma fantasia de quem não tem os pés firmes na realidade da matéria.

Haverá os perspicazes, de inteligência arguta, que lerão nas entrelinhas, que compreenderão a crítica social, que sorrirão com a ironia e que, talvez, apreciem a arquitetura do pensamento que tentei aqui erguer.

E haverá, assim o espero, os sensíveis. As almas irmãs, os outros que, como eu, sentem a mesma sede e buscam a mesma fonte. E é para estes, e somente para estes, que esta confissão foi verdadeiramente escrita.

Cumpre-me fazer mais algumas anotações de suma importância, para que não haja equívocos sobre a natureza do que se lerá.

Que fique claro: esta obra não é um compêndio sobre a Doutrina Espírita. Não espere o leitor encontrar aqui um manual de dogmas ou um tratado a desvendar, ponto por ponto, os mistérios do invisível. Encontrará, isto sim, a jornada acidentada de um espírito espírita, e mais precisamente, a de um médico-espírita, com todas as suas dúvidas, suas fraquezas e suas parcas descobertas. É o relato de alguém que está sinceramente interessado em sua reforma íntima, mas que é, ao mesmo tempo, dolorosamente conhecedor de sua própria pequenez, de sua imensa parcela de imperfeição perante a majestade do Todo.

Aos que, porventura, não abraçaram a doutrina que me serve de norte, peço apenas a caridade da boa vontade. Que se desvistam, se possível for, do manto do preconceito, e leiam esta crônica não como a defesa de uma fé, mas como o simples relato das batalhas de uma alma que, como todas as outras, busca um sentido para si.

E aos meus próprios irmãos de crença, o aviso é de outra natureza, e talvez mais severo. Não esperem de mim um livro de lições evangélicas, nem um exemplo a ser seguido. O autor desta obra sabe-se muito bem o aluno relapso, e não o mestre. A minha intenção, confesso com a franqueza que a idade me permite, é talvez mais terapêutica para mim do que para o leitor.

Escrever, para a minha alma, é uma necessidade. É uma forma de colocar na matéria, de dar contorno e ordem àquilo que por tanto tempo jazeu, em caos, no coração. Há muita dor a ser depurada, leitor amigo, e a jornada que estas páginas apenas iniciam será longa, e se dividirá, se Deus o permitir, em mais outras obras. Esta que tens em mãos é, portanto, apenas um estudo. Um ensaio. O prelúdio de uma confissão mais vasta.

E por ser este um ensaio, e não um dogma, talvez a mais importante das advertências seja esta última, que trata não do que está escrito, mas da frágil e traiçoeira arte de ler e de julgar. Pois a maior barreira para a compreensão de qualquer história não é a falta de inteligência do leitor, mas a tirania de suas próprias certezas. A mente humana, leitor amigo, é um tribunal de um só juiz, vaidoso e apressado, que amiúde profere a sentença muito antes de ouvir o testemunho completo.

Um arguto pensador de nosso tempo descreveu com uma clareza que me poupa o trabalho de ser original, as quatro máscaras que a nossa inteligência veste quando as suas crenças mais caras são postas em xeque. E eu lhes peço a licença para

discorrer brevemente sobre estes personagens que habitam em todos nós, pois é provável que o leitor se veja a vestir uma destas fantasias ao percorrer as linhas que se seguem.

Quando as nossas ideias mais sagradas são desafiadas, é comum que assumamos a persona do Pastor. Subimos a um púlpito invisível e nos pomos a pregar, a defender a nossa doutrina, a buscar prosélitos. O nosso objetivo, aqui, não é o de descobrir a verdade, mas o de proteger e de propagar a verdade que já cremos possuir. E quando vemos a falha no argumento alheio, trocamos a batina pela toga e nos tornamos o Promotor. Nosso objetivo já não é o de salvar uma alma, mas o de vencer um debate, de encontrar as falhas na tese do réu, de aniquilar a posição contrária com a artilharia de nossa lógica. O Pastor e o Promotor são dois irmãos que, embora em púlpitos opostos, partilham da mesma certeza: a de que a razão está com eles.

Há ainda uma terceira máscara, talvez a mais comum nos salões e na vida pública: a do Político. Este não busca a verdade, nem a vitória no debate. Busca o aplauso da plateia, a aprovação de sua tribo. Sua opinião não é uma convicção, mas um cálculo; ele adota o discurso que lhe garantirá mais aliados, mais aceitação, mais votos. A sua verdade é a que está em voga, e a sua consciência, uma biruta que aponta sempre na direção dos ventos mais favoráveis.

E há, por fim, o quarto e mais raro dos personagens: o Cientista. O que o define não é a posse de um diploma, mas uma

atitude de espírito. O cientista não tem apego às suas ideias; o seu único e verdadeiro amor é a busca pela verdade. Ele trata as suas crenças não como dogmas sagrados, mas como hipóteses provisórias, que devem ser, a todo instante, testadas pela evidência e pelo argumento contrário. A sua emoção característica não é a certeza do pastor ou a agressividade do promotor, mas a humildade de quem sabe que sabe muito pouco, e a curiosidade de quem deseja aprender mais. Ele não teme estar errado; antes, vê na descoberta de um erro a mais bela oportunidade de se aproximar um pouco mais da verdade.

E agora que lhes descrevi estes quatro atores, ousou fazer um último pedido. Ao ler a minha história, o leitor será tentado a todo instante a vestir uma destas máscaras. O de fé como a minha, talvez se faça de Pastor, a buscar apenas a confirmação do que já crê. O de fé contrária, ou o cético, talvez se faça de Promotor, à caça de cada deslize, de cada contradição. E o que busca apenas um romance para se entreter, talvez se faça de Político, a aceitar apenas as partes que lhe agradam e a descartar as que lhe exigem uma reflexão mais profunda.

Peço-lhe, pois, que resista a estas tentações. Peço-lhe que, ao percorrer esta crônica, se esforce por vestir a mais difícil e mais nobre das fantasias: a do cientista. Não lhe peço a sua crença, nem a sua oposição, nem o seu aplauso. Peço-lhe apenas a sua curiosidade. Que leia esta história não como um dogma a ser aceito, um processo a ser vencido ou um comício a ser

aplaudido, mas como uma hipótese. A hipótese de uma alma, com seus dados, seus fenômenos e suas contradições, e que, ao final, o seu veredito seja fruto não de seus preconceitos, mas de sua própria e honesta investigação.

Mas por que, perguntará o leitor de espírito mais arguto, é tão rara esta atitude de cientista? Por que a nossa primeira e mais cômoda inclinação é sempre a de vestir a toga do promotor ou a batina do pastor? A resposta, creio eu, reside na própria arquitetura de nossa alma, na maquinaria de nosso pensamento, que é uma ferramenta muito mais antiga e muito menos lógica do que a nossa vaidade nos permite admitir.

A nossa mente não foi talhada pela natureza para ser uma balança de precisão na busca da verdade abstrata, mas para ser uma arma de sobrevivência num mundo hostil. E a sua função primordial não é a de ver o mundo como ele é, mas a de criar uma narrativa sobre o mundo que seja estável e que nos permita agir. Por isso, a razão, que julgamos ser a nossa rainha, é, na maioria das vezes, apenas a astuta advogada de defesa de nossas paixões e de nossos medos. Ela não busca a evidência que ilumina, mas a testemunha que confirma as suas teses já pré-aprovadas pelo coração. É este o mais comum e mais sutil dos vieses: o de só enxergarmos no mundo o reflexo de nossas próprias e mais queridas ideias.

E há mais. A nossa alma, por ser ainda pequena para compreender a beleza complexa e por vezes contraditória do

Todo, tem horror ao vácuo, à incerteza, ao fato isolado. Ela é uma tecelã insaciável de enredos. E esta é talvez a mais poderosa de nossas ilusões: uma boa história, com um começo, um meio e um fim, com um herói e um vilão bem definidos, nos parecerá sempre mais "verdadeira" do que um amontoado de dados e de fatos reais, porém desconexos. A multidão, leitor amigo, não se inflama por uma estatística; ela se incendeia por uma narrativa. Um único caso de injustiça, bem contado, pode derrubar um rei, enquanto um tratado de mil páginas, provando a eficácia de seu governo, não lhe salvará a coroa.

Some-se a isto a tirania da infância. As ideias que nos são apresentadas nos primeiros anos de vida não são inquilinas de nossa mente; são os seus próprios alicerces. E uma ideia nova, que contradiz essa fundação, não é vista por nós como uma nova mobília a ser acrescentada à casa, mas como um abalo sísmico que ameaça toda a estrutura. E para não ter o trabalho hercúleo de demolir e de reconstruir a própria casa, a alma prefere, quase sempre, negar a existência do terremoto e acusar o sismógrafo de mentiroso.

É por isso que julgar é uma arte tão perigosa, e o julgar de forma equivocada, a nossa mais inata e trágica vocação. Somos todos prisioneiros de nossos vieses, míopes por natureza, a navegar um oceano de complexidade com os poucos instrumentos de nossas emoções infantis e de uma razão que,

em vez de nos guiar, apenas justifica a rota que o nosso medo já escolheu.

E esta dificuldade, leitor, a de se fazer cientista de si mesmo, tem raízes ainda mais fundas do que a vaidade ou a preguiça. Reside na própria constituição de nossa mente, essa magnífica prisioneira da matéria. Nascemos e vivemos sob a tirania de cinco sentidos, afinados por milênios de evolução não para perscrutar a natureza da alma, mas para sobreviver na savana: para distinguir o fruto bom do venenoso, para ouvir o passo do predador na escuridão, para sentir o calor do fogo que nos aquece. O nosso cérebro é um instrumento de uma perfeição assombrosa para o mundo que se pode tocar, ver e medir. Mas peça-lhe que conceba o que não tem peso, o que não ocupa espaço, o que sobrevive à morte do corpo, e ele vacila, pois é como pedir a um peixe que descreva o deserto.

Some-se a esta limitação inata o peso da história. O divórcio cartesiano, que repartiu o homem entre a Igreja e a Ciência, nos legou uma orfandade de linguagem. Criou-se um abismo tal que a própria expressão "espírito encarnado" se tornou, para o vernáculo acadêmico, um monstro conceitual, uma quimera que pertence ao bestiário da superstição. E assim, vivemos o mais trágico dos paradoxos: somos esta união de alma e de corpo, mas a nossa cultura nos nega as palavras para descrever a nossa mais íntima e fundamental natureza.

E o que faz a mente humana quando se depara com um fenômeno que não cabe em seus modelos, que não tem nome em seu dicionário? Ela se refugia em duas cidadelas de conforto. A primeira é a da negação pura e simples. Nega-se o fato. Chama-se o vidente de louco, o relato de anedota, a experiência de alucinação. É a solução mais fácil, a que não exige o penoso trabalho de se repensar o mundo. A segunda, de aparência mais nobre, mas igualmente preguiçosa, é a do milagre. Aceita-se o fato, mas o colocamos numa prateleira à parte, a da exceção, a do "sobrenatural", livrando-nos assim do dever de investigá-lo.

E digo ainda, com a convicção que me cabe, que não há nada mais anticientífico do que a palavra "sobrenatural". A história da ciência, leitor amigo, não é senão a história da lenta e corajosa conquista do que antes se julgava sobrenatural. O raio, que era a cólera de Júpiter, hoje é uma descarga elétrica. A peste, que era um castigo divino, hoje é a obra de um bacilo. O que ontem era magia, hoje é física, química, biologia.

O erro, portanto, não está no fenômeno, mas na nossa arrogância de chamar de "sobrenatural" tudo aquilo que, em nossa atual e modesta ciência, ainda é supranatural, ou seja, está apenas acima do degrau em que hoje nos encontramos. Se o fato existe, ele é, por definição, natural. Pode ser regido por leis da natureza que ainda ignoramos, mas não pode estar fora delas.

Pois se cremos, como crê o teólogo e como intui o físico, num Criador, numa Inteligência que rege o universo, então temos de crer que as Suas leis são perfeitas, universais e não se contradizem. Deus, leitor, não se desmente a si mesmo. Um "milagre", portanto, não é a violação de Suas leis, mas a aplicação de uma outra de Suas leis, mais alta e mais sutil, que a nossa ciência ainda não soube decifrar. O nosso dever, diante de um fato que nos parece impossível, não é o de nos ajoelharmos diante do mistério como se fosse magia, mas o de nos debruçarmos sobre ele como a mais fascinante das matérias de estudo.

E é precisamente como tal — como uma modesta matéria de estudo, o prontuário de uma única alma em sua longa enfermidade e em sua busca pela cura — que ofereço esta crônica. A minha própria vida, com seus acasos que eu creio não serem acasos, com seus fenômenos que a ciência ortodoxa chamaria de absurdos, é o "fato impossível" que agora deponho sobre a mesa de exame do leitor. Não trago teses, mas testemunhos. Não ofereço conclusões, mas os dados brutos de uma existência.

Rogo, pois, à Força Suprema, a essa Inteligência que rege os mundos e que habita o silêncio de nossas consciências, que abençoe o leitor nesta jornada que ora se inicia. Que lhe conceda a clareza do olhar, para que enxergue para além de minhas muitas falhas de narrador. Que lhe dê a serenidade do coração,

para que não julgue com pressa as dores e os erros que aqui serão confessados. E que lhe inspire, acima de tudo, a vestir a nobre toga do cientista da alma, que não busca o aplauso da concordância nem a vitória da refutação, mas apenas, e humildemente, a luz da verdade.

E que Ele abençoe igualmente a mim, o cronista, para que eu tenha as forças necessárias para continuar na luta diária, firme em meus frágeis propósitos. Que eu não me perca na vaidade de me crer um mestre, nem desanime diante da imensidão de minha própria ignorância. Que eu saiba ser fiel à verdade de minhas memórias, por mais dolorosas que sejam, e que a disciplina de transformar a dor em palavra me sirva, a mim antes que a qualquer outro, como instrumento de minha própria e vagarosa reforma íntima.

Se, após esta longa e talvez impertinente advertência, ainda te sentes com ânimo, leitor amigo, vira a página. A orquestra está a postos. A nossa modesta ópera da alma vai começar.

*Dar nome à dor é ofício de quem mede,
mas só o amor, que a si mesmo se concede em
holocausto ao mal que não recede, transforma a
cura em mais do que uma prece.*

Capítulo 1 - As Duas Mãos

Naquela manhã, uma brisa morna percorria os corredores da faculdade de medicina, talvez trazendo consigo os ecos de passos apressados e de risadas jovens, lançadas ao tempo sem esperar nada em troca. Eu estava em um daqueles bancos de uso comum, mas com a alma em um lugar só meu. Meus olhos, esses enganos da matéria, encaravam um ponto qualquer à frente — ou melhor, o nada. E faziam isso com o único objetivo de dar ao corpo um ar de tranquilidade, enquanto meu espírito se aventurava em longas viagens.

Eu divagava. Ah, as divagações! São a resposta da alma quando a realidade parece curta e grosseira. E a realidade, minutos antes, tinha vindo na figura de meu professor de bioética, um homem de ciência irredutível, que declarou, após uma opinião que ousei dar sobre o "início da vida": "Estamos em uma universidade, Aulus. Aqui não falamos de religião; estudamos e praticamos a ciência".

A ciência! Uma palavra grandiosa, sem dúvida. Mas eu me perguntava se a ciência, para ser tão grande, precisava ser tão solitária. Qual a fronteira, o muro que a mente humana construiu entre a fé e o método? Como poderiam duas chaves que se propõem a decifrar o mistério do que é viver — e viver é mais que respirar, na minha opinião — serem tratadas como rivais de uma herança, destinadas a subtrair e dividir, em vez de somar? Caprichos da razão, talvez.

Não sei dizer, meu amigo leitor, se foram minutos ou eras que passei nesse meu monólogo confuso, navegando por águas que a faculdade desprezava. O tempo de quem pensa não é o mesmo dos relógios. Fui arrancado do meu abismo pela destra de um amigo, e um amigo querido, que pousou em meu ombro com a suavidade que lhe era típica.

— Sonhando acordado, Aulus? — perguntou Rafael, com aquele sorriso de uma zombaria benevolente, que sempre desfazia as minhas piores tempestades. Era ele, me resgatando, mais uma vez, das profundezas da minha própria inquietação.

— Ah, meu caro Rafael, você nem imagina a tempestade em que eu me meti, e tudo por causa de uma simples pergunta. Estávamos na aula do professor de bioética, e o tema, delicado como poucos, era o do aborto. Em certo ponto, como sempre acontece em debates que tocam o centro da existência, a turma inteira se viu diante de um beco sem saída, uma questão que a ciência, com toda a sua precisão, não parecia resolver.

Fiz uma pausa, como quem prepara o ouvinte para o peso do que está por vir.

— Onde, Rafael, onde a vida realmente começa? Era esse o labirinto em que nos encontrávamos. Se tirar a vida de alguém é crime — e todos concordam que é —, a partir de que momento a vida de um embrião se torna sagrada? Em que instante exato o ato de interrompê-la deixa de ser um procedimento e passa a ser um crime? A pergunta saltava de boca em boca, sem encontrar resposta.

Foi então que o destino, que tem seus caprichos, resolveu apontar para mim. Você conhece a Geórgia e o Joaquim, duas almas curiosas que compartilham comigo algumas leituras e meditações fora dos muros da faculdade. Pois a Geórgia, com a simplicidade que desarma, me olhou fixamente e perguntou à queima-roupa, como se eu fosse um oráculo: "E para a sua doutrina, Aulus, para o Espiritismo, quando a vida começa?".

O que eu poderia fazer, meu amigo? Negar a fonte onde bebo ou dividi-la com quem tinha sede? Sem pensar duas vezes, recorri ao livro fundamental de nossa fé, àquela página exata em que o codificador, um homem de método, faz aos Espíritos essa mesmíssima pergunta. Citei para eles a questão 344 de "O Livro dos Espíritos", que questiona o momento exato em que a alma se une ao corpo.

E a resposta, Rafael, é de uma clareza poética. Expliquei à turma que, de acordo com Kardec, a união começa na concepção; a alma, como uma noiva prometida, se liga ao novo corpo desde o primeiro instante. No entanto, esse laço, mais fraco no início, só se completa e se torna indissolúvel no momento do nascimento. É o primeiro choro da criança ao ver a luz que serve de anúncio. Esse grito, meu amigo, é a assinatura do contrato com a existência, a declaração de que mais uma alma se juntou ao número dos vivos.

Rafael me ouviu com aquela atenção que não é apenas dos ouvidos, mas da alma; uma atenção que espera a tempestade passar para então falar da calmaria. Não me interrompeu. Deixou que eu esvaziasse o peito de toda a minha justa indignação. Quando o silêncio voltou a pairar entre nós, ele se ajeitou no banco, descruzou as pernas e olhou para um ponto à sua frente, como se visse o próprio pensamento tomando forma no ar.

— Eu entendo bem a sua aflição, Aulus, e ela é nobre — começou ele, a voz suave, mas firme como a de um capitão seguro de seu leme. — É a aflição de quem já percebeu que a medicina é mais que uma profissão e mais que uma ciência; ela é, ou deveria ser, um sacerdócio. O seu professor, com todo o respeito ao seu conhecimento, sofre de um mal comum para homens como ele: o de enxergar o mundo com um olho só.

Ele sorriu, um sorriso melancólico, de quem perdoa a miopia dos outros.

— Nós, Aulus, que nos propomos a cuidar do ser humano, como podemos fazer isso pela metade? Diga, de que vale um médico ter a mão mais hábil com o bisturi, a mente mais afiada para o diagnóstico, se essa mesma mão não sabe pousar com conforto na testa de quem sofre? A ciência, meu caro, é uma das mãos do curador. É a mão direita, a mão da ação, que corta, sutura, mede a febre e aplica o remédio. É a mão que trata a doença, essa desordem da matéria que os nossos livros descrevem tão bem. E bendita seja ela por isso!

Ele fez uma pausa, e sua outra mão, a esquerda, pousou sobre a minha, num gesto de rara fraternidade.

— Mas existe a outra mão, a esquerda. A mão que não se aprende a usar nos anfiteatros. É a mão do espírito. É ela que conforta, que transmite coragem, que ouve o soluço não da dor física, mas do medo da morte, da angústia do desamparo, do porquê daquele sofrimento. Essa mão, Aulus, não trata a doença; ela cuida do doente. Ela enxerga a pessoa para além do corpo-máquina. Ela se ocupa da alma que habita essa estrutura falível e que pergunta, em silêncio: "Por que eu? Para onde vou?".

Seus olhos agora encontraram os meus, e neles havia a gravidade de uma verdade sentida.

— O grande erro do nosso estimado professor, e de tantos outros, é acreditar que se pode ser um bom médico tendo uma mão só. Eles se tornam mecânicos de gente, especialistas em consertar engrenagens, mas ignorantes da chama que as anima. Querem separar a ciência da espiritualidade como se fossem água e óleo. Bobagem! São, na verdade, as duas asas de um mesmo pássaro. Com uma só, ele apenas gira em torno de si, sem jamais conseguir alçar voo para a verdadeira cura.

Rafael levantou-se, e seu gesto me convidava a fazer o mesmo, a sair daquele torpor de corredor de faculdade.

— Não se irrite com o professor, Aulus. Tenha compaixão dele. Ele te ensina a usar a mão direita da ciência. A nós, meu amigo, cabe a tarefa de, por nossa conta e risco, exercitar a mão esquerda da alma. Porque o homem não adoece apenas no corpo que a ciência examina; adoece principalmente na alma que a fé adivinha. E oferecer a ele apenas a metade do remédio não é medicina; é burocracia.

As palavras de Rafael, como se tivessem peso e substância, me acompanharam no breve adeus. Nos separamos com um aceno, um gesto que pode tanto significar "até logo" como "leve com você estas verdades". Comecei, então, a descer a longa rampa de cimento que liga o templo do saber teórico, a Faculdade, ao seu anexo prático e por vezes doloroso, o Hospital das Clínicas. O destino era a grande aula de Semiologia Médica, e o professor era o Dr. Porto, um nome que se pronunciava nos

meios acadêmicos com uma mistura de medo e veneração, como se fosse um oráculo que lia as entranhas do corpo humano como outros leem um jornal.

Meus pés se moviam quase por conta própria, enquanto a mente ainda remoía a conversa recém-terminada. A medicina, as duas mãos, a ciência, a alma... tudo se agitava dentro de mim. E foi no meio desse turbilhão de pensamentos que meus olhos, buscando um ponto de descanso, o encontraram.

Lá estava ele, ao fim da rampa, à destra do caminho, sentinela postado antes da vasta planície de asfalto do estacionamento. Um frondoso ipê amarelo.

Ah, leitor, que espetáculo! Não era apenas uma árvore; era um acontecimento, um borbotão de ouro vivo que rompia a sisudez do concreto e do vidro. Seus galhos, de uma arquitetura que a engenharia humana jamais sonharia, erguiam-se e derramavam-se numa cascata de flores de um amarelo solar, insolente, triunfal. Cada flor, uma pequena taça de luz. O vento brando, o mesmo que antes me trouxera os ecos da faculdade, passava agora por sua copa e fazia chover sobre o chão um tapete de ouro efêmero, uma riqueza que não se guarda em cofres.

Aquele ipê, naquela manhã, oferecia a sua própria aula mestra, silenciosa e anterior à do Dr. Porto. A aula da árvore não

versava sobre os sinais da doença, mas sobre os sintomas da vida em sua afirmação mais teimosa e bela.

E foi a fitá-lo que compreendi, com uma clareza que me chegou a assustar, a verdadeira natureza da minha fé. O Espiritismo não era um conjunto de ritos a cumprir, uma religião que se veste aos domingos para se despir à segunda-feira. Não. Era aquilo. Era a capacidade de ver no ipê mais que um nome botânico — *Handroanthus albus* —, mas um sermão sobre a resiliência.

Era, antes de tudo, a ótica pela qual o mundo se me revelava; a gramática que me permitia ler a frase complexa do cotidiano e nela achar um verbo, um sujeito, um sentido. Era a ferramenta que me socorria quando a ciência, com toda a sua majestade, me entregava o "como" e me deixava órfão do "porquê". Sim, era a chave que me dava acesso não a um céu futuro e hipotético, mas a uma compreensão profunda do que significa estar vivo, aqui e agora, descendo esta rampa, a caminho de uma aula sobre as misérias do corpo, mas tendo a alma alagada pela glória de uma árvore.

Não era refúgio; era estrada. Uma estrada em que a fé não se apresentava como a negação da ciência, mas talvez como a coragem de lhe fazer as perguntas que ela, por ofício, não ousa responder. Com esse pensamento, que me reerguia a espinha mais do que qualquer preceito de postura, ajeitei os ombros e apertei o passo. Sim, eu ia para a cátedra do Dr. Porto, mestre

na gramática da dor, aprender a ler com exatidão a febre, o tumor, a pústula — a linguagem crua com que a matéria grita as suas desordens. A ciência me daria o mapa do corpo. Mas o ipê, com sua teologia de ouro e vento, acabara de me recordar que por trás de cada sinal que a medicina cataloga, há uma biografia que padece. Recordara-me que a dor é o evento físico, o agulhão na carne; mas o sofrimento, este sim, é a sua interpretação moral, a narrativa que a alma constrói em torno desse agulhão. E era nesse interstício, nessa fronteira sutil entre o gemido do corpo e o silêncio da alma, que o Espiritismo, para mim, deixava de ser religião e se fazia ética. Era ele que me impelia a buscar, sob a lesão que a ciência descreve, a lição que o sofrimento prescreve.

Era o amor, traduzido em cuidado, que me proibia de ver no doente apenas uma patologia interessante, mas me forçava a enxergar um espírito imortal em trânsito, aprendendo com a fugacidade da matéria. Ia, pois, aprender a decifrar os sinais, não como um detetive que busca um criminoso, mas como um amigo que busca compreender a jornada de um companheiro, oferecendo a destra da ciência para aplacar a dor, e a sinistra da compaixão para dar sentido ao sofrimento.

Deixei para trás a teologia do ipê, esse sermão de ouro e vento, e adentrei o deserto. Sim, um deserto de asfalto, o vasto estacionamento da faculdade, onde o sol do meio-dia extraía do capô dos carros um brilho estéril e febril. Atravessá-lo era como

cruzar um vale de indiferença organizada; cada automóvel, uma cápsula de metal guardando histórias privadas, todos ali reunidos em função da grande máquina de dor e cura que era o complexo hospitalar. O calor que subia do chão parecia a exalação de mil vidas apressadas, de mil preocupações anônimas.

Vencido o mar de metal, em vez de tomar a entrada principal, optei por um atalho: um corredor estreito e comprido, de paredes descascadas, que ladeava o edifício da Maternidade. Era uma passagem funcional, mas que continha, em sua lateral, uma série de janelas altas e largas, uma indiscreta galeria de onde se podia espiar a antessala do mundo. E eu espiei.

O que vi, meu amigo, foi o livro da Gênese encenado em dezenas de leitos brancos. Era um salão imenso, uma enfermaria onde a Criação exibia os seus atos mais crus e contraditórios. Havia mulheres em cujo rosto a dor do parto iminente se mesclava a uma réstia de esperança, a promessa da vida prestes a romper. Havia outras, contudo, cujo silêncio era mais ruidoso que qualquer grito; fitavam o teto com um vazio no olhar que denunciava o berço que ficaria vazio, o luto de um corpo que se preparou para a vida e encontrou a morte. Vi o inverso daquele "grito inaugural" de que falara na classe: o silêncio final de quem nem chegou a gritar. E havia ainda as terceiras, as prisioneiras de uma gestação que se tornara doença, com os corpos inchados e os aparelhos a apitar ao lado,

testemunhas de uma batalha em que a vida, para gerar a si mesma, ameaçava consumir a fonte. Todas ali, vizinhas de leito, a alegria possível e a tragédia consumada, partilhando o mesmo ar com cheiro de antisséptico e destino.

Passei por aquela janela da alma humana e, dobrando o corredor, entrei no corpo principal do Hospital. E se a Maternidade era o prólogo da existência, com seus dramas individuais e sagrados, o que se seguiu foi o épico da miséria coletiva. Adentrei a realidade do Sistema de Saúde brasileiro em sua face mais honesta e brutal. O ar tornou-se mais denso, carregado de um odor que era a mistura de desinfetante, suor e desespero. O corredor do pronto-atendimento não era uma passagem; era um depósito de gente.

Macas. Dezenas delas, enfileiradas como peças numa linha de montagem quebrada. Ilhas de sofrimento num rio de gente apressada e de funcionários cujo cansaço já se transformara em um automatismo defensivo. Em cada maca, um drama. Um idoso de olhar aquoso, respirando com a ajuda de um balão de oxigênio. Uma moça com a perna envolta em talas sujas de sangue seco. Uma criança chorando baixo no colo da mãe, cujos olhos não pediam mais nada, apenas esperavam. Não era a pobreza que mais me feria a alma, mas a sua consequência direta: a renúncia à dignidade. O tratamento desumano não vinha de um gesto de crueldade, mas de mil gestos de omissão. Vinha da indiferença organizada, da falta de

espaço, de leitos, de tempo. Vinha de um sistema que forçava homens e mulheres bons, médicos e enfermeiros, a serem aqueles "médicos de uma só mão" de que me falara Rafael, tratando a ferida, mas ignorando o homem ferido, por pura falta de meios.

Eu me preparava para dar as costas àquele painel da miséria humana, para me refugiar na ascese teórica da escadaria que me levaria ao anfiteatro. Um passo, e eu estaria a caminho de me tornar um analista do sofrimento, em vez de sua testemunha. Mas foi um choro específico, agudo e infantil, que fisgou a minha atenção e me prendeu ao chão. Não era o pranto da birra, mas o lamento fino e contínuo da dor que não cede.

Vinha de uma das macas, onde uma mulher, talvez com não mais de trinta anos, mas com a exaustão de cem, se debruçava sobre um corpo miúdo, encolhido em posição fetal. Era o seu filho. Um menino de uns seis anos, pálido, com a testa brilhando de um suor frio e os olhos cerrados com força, como se tentasse espremer a dor para fora de si. A mão da mãe afagava-lhe os cabelos úmidos, num ritmo que era ao mesmo tempo um embalo e uma prece.

Aproximei-me o suficiente para ouvir o diálogo, essa missa rezada a dois, no altar improvisado daquela maca.

— Tá doendo, mãe... dói muito aqui — gemeu o menino, a voz fraca, a mãozinha apontando para a própria barriga. — Não para de doer.

— Calma, meu filho, calma... — a voz da mãe era um fio de veludo gasto, tentando cobrir uma realidade de espinhos. — Respira fundo pro anjinho da guarda ajudar. Lembra?

— O anjo não tá ajudando. E aquele remédio do moço não fez nada. Por que a gente não vai pra casa, mãe? Eu quero minha cama.

A mulher engoliu em seco, e eu pude ver em seus olhos o mapa da jornada que a trouxera até ali. Era um olhar que continha postos de saúde fechados e estradas poeirentas.

— A gente não pode ir pra casa agora, meu amor. Lembra que a gente já foi em dois lugares e não tinha doutor? E naquele outro, o doutor mal olhou pra você, só deu aquele pingão amargo... Aqui é grande, filho. Aqui tem que ter um doutor bom. Eles vão olhar, eles vão fazer a dor parar, você vai ver.

— Mas você disse isso no outro lugar... — acusou a criança, com a lógica cruel da inocência. — Ninguém vem. Dói...

Naquele instante, a postura da mãe se rompeu. Ela inclinou o rosto até o ouvido do filho, e sua voz desceu a um sussurro carregado de uma angústia que era mais cortante que o pranto da criança.

— Escuta, filhote... escuta a mamãe — disse ela, e eu vi uma lágrima solitária traçar um sulco em sua face coberta de poeira. — Se eu pudesse, meu Deus do céu, se eu pudesse, eu arrancava essa dor de dentro de você com a minha mão e botava ela todinha em mim. Juro por Deus que eu botava. Mas eu não posso. A mamãe não pode. A única coisa que a mamãe pode fazer é ficar aqui com você, sem sair do seu lado um segundo. Eu tô aqui, tá? Eu não vou sair daqui.

Eu fiquei paralisado, observando aquela *pietà* profana. Aquela mãe, com seu juramento de amor inútil e absoluto, era a mais competente das médicas naquele corredor. Sua promessa de permanência era o único tratamento eficaz contra o sofrimento que é o abandono. A via-crúcis que ela descrevera em poucas frases — os postos sem médicos, o atendimento relapso — era a prova viva de que a doença mais grave daquele sistema não era a que afligia o menino, mas a que paralisava a estrutura, a indiferença crônica.

O juramento daquela mãe era a única forma de medicina sendo verdadeiramente praticada ali. Era o amor como último recurso terapêutico. Diante daquela cena, senti uma vergonha funda de minha própria pressa, de meu anseio pelo conforto intelectual da sala de aula. O sofrimento deixara de ser um conceito a ser debatido; tinha nome, idade e uma mãe que faria o impossível, mas que só podia fazer o essencial: ficar.

Foi com o eco daquele juramento na alma que me virei, enfim, para as escadas. Cada degrau que eu subia na escadaria de granito polido era um metro a mais de distância daquele sofrimento e, paradoxalmente, um mergulho mais fundo na consciência de minha própria e esmagadora pequenez. O som dos meus sapatos ecoava no vão silencioso, e cada passo parecia um ato de fuga, uma traição. Eu subia em direção à teoria, enquanto a prática, em sua forma mais dilacerante, ficava para trás, gemendo num corredor insalubre.

A minha impotência era dupla, e doía de duas maneiras distintas. Doía, primeiro, na vaidade do ofício que eu ainda nem possuía. Eu era apenas um aluno. Um aprendiz. Minhas mãos, que em alguns anos deveriam portar o bisturi e o estetoscópio, estavam agora vazias e inúteis. Que poderia eu oferecer àquela mãe, senão um olhar de compaixão que, sem ação, não passa de uma esmola para a própria consciência? Eu nada sabia sobre a dor que contorcia o menino; meu conhecimento era um rascunho, um índice de matérias a estudar. Essa era a minha pequenez imediata, a do neófito diante do templo.

Mas havia outra, muito maior e mais amarga. Uma pequenez que não se curaria com diplomas ou anos de prática. Era a consciência de que, mesmo que eu fosse o Dr. Porto em pessoa, o mais sábio dos médicos, o meu poder ainda seria irrisório diante da verdadeira doença que eu acabara de diagnosticar. O mal daquele menino, por mais grave que fosse,

era apenas o sintoma. A patologia original, a pandemia que assolava aquele hospital e o mundo lá fora, era a miséria moral de uma humanidade que se esquecera de si mesma.

Que ironia trágica, pensava eu enquanto subia. Passamos séculos aprimorando o conhecimento, construindo um colosso de evolução tecnológica e científica. Erguemos palácios de saber, deciframos o genoma, perscrutamos os átomos e as galáxias. A nossa ciência é uma torre de Babel que arranha os céus, e a medicina é um de seus mais altivos andares. Contudo, deixamos a alma dessa torre vazia, fria, sem mobília. Amontoamos um conhecimento ciclópico sobre *como* curar, mas perdemos a noção elementar de porquê e a quem devemos curar.

A humanidade esqueceu-se de aliar o cérebro que investiga ao coração que sente. Esqueceu-se que a sabedoria, sem o amor que a aplica, é apenas um ornamento estéril. O que adiantava o progresso que permitia um transplante de coração, se a sociedade como um todo se mostrava incapaz de um ato simples de compaixão que garantisse um médico num posto de saúde de bairro? Aquele corredor fétido lá embaixo não era um acidente de percurso; era o resultado direto de uma ciência que evoluiu divorciada da caridade, de uma inteligência que floresceu sem a companhia da fraternidade.

Eu era pequeno, sim. Um grão de areia. Mas a minha pequenez era um reflexo da imensa falha coletiva. E ao chegar

ao topo da escada, diante da porta do anfiteatro, eu compreendi que a minha jornada na medicina não seria apenas para combater a doença no corpo dos outros, mas para lutar, primeiro, dentro de mim, contra essa monstruosa indiferença que aprendemos a chamar de normalidade.

Empurrei a pesada porta de madeira do anfiteatro. O ar, antes denso de sofrimento e desinfetante, era agora uma cacofonia de jovialidade, um zumbido de colmeia humana que feria os meus ouvidos, desacostumados pela solenidade da dor que eu acabara de presenciar.

Senti-me um estrangeiro, um náufrago que, após atravessar um mar de miséria, chega a uma ilha cujos habitantes falam um idioma que ele, de súbito, já não compreende. Comecei a minha penosa subida pela escadaria lateral, buscando um lugar vago nas fileiras mais altas, e foi nessa travessia, nesse meu movimento de intruso, que a maré de conversas se desfez em ondas distintas, permitindo-me pescar fragmentos de três mundos que não eram o meu.

O primeiro grupo, postado perto da entrada, discorria sobre as tiranias do clima. Um rapaz de camisa impecavelmente branca, com o semblante de quem enfrenta uma grave adversidade, proclamava: "Não há quem aguente este mormaço. Saí do ar-condicionado do carro e quase tive um mal-estar". Uma moça, abanando-se com um caderno, concordou com um suspiro: "Dizem que a frente fria só chega no sábado. Até lá, é

sobreviver". Eu, que ainda tinha na retina o suor frio do menino na maca, ouvi aquilo como se fosse o mais absurdo dos delírios. Eles falavam do calor lá fora, e eu sentia o frio de dentro.

Continuei a subir, e um novo dialeto chegou aos meus ouvidos. Eram quatro moças, e a matéria de seu debate era a seda, o linho, os cortes e as cores. "Você viu o vestido da Flávia? É daquela coleção nova, um azul que eles chamam de 'crepúsculo do oceano'", dizia uma, com a autoridade de um especialista. Outra, analisando o sapato da colega, sentenciava: "Este salto é a tendência do inverno europeu. Arriscado, mas elegante". Discutiam o caimento de um tecido, a harmonia de um acessório, a couraça da moda com que se vestiam para a vida. E eu, que acabara de ver corpos nus de dignidade, expostos em sua fragilidade mais crua, olhava para aquelas jovens como se fossem de uma espécie diferente, protegidas da realidade por uma armadura de frivolidade.

Enfim, perto do lugar que escolhi para me sentar, o terceiro e mais ruidoso dos grupos. Ali, o tema era a redenção profana do fim de semana, a festa que prometia apagar os dissabores da rotina. "O esquema está montado", bradava o líder da conversa, um rapaz de porte atlético e voz retumbante. "O bar vai ter aquele 'shot' novo, o 'Memória Zero'". As risadas que se seguiram foram altas, uma celebração antecipada do esquecimento. Planejavam a fuga, a anestesia coletiva, a noite

em que poderiam, por algumas horas, fingir que a vida não continha corredores de hospital, apenas pistas de dança.

Sentei-me, enfim, e o zumbido geral voltou a ser uma massa sonora e indistinta. A distância que me separava de meus colegas não era apenas física. Era abissal. Seria eu o louco? Ou seriam eles, que se preparavam para mergulhar nos segredos do corpo humano, mas se recusavam a olhar para a alma que o habita? Talvez, pensei com uma tristeza resignada, aquela tagarelice não fosse maldade, mas defesa. Uma barreira de banalidades erguida contra o horror que, dia após dia, a nossa profissão nos obrigaria a encarar. Eles já iniciavam o seu próprio tratamento, anestesiando a si mesmos com o éter da frivolidade, para que o sofrimento alheio não doesse tanto.

Olhei para a cátedra vazia, para a lousa limpa, e senti uma solidão imensa. Eu estava no meio da multidão, mas nunca me sentira tão só. O juramento que eu fizera no corredor, o de não me deixar ensurdecer, ganhava ali, naquele anfiteatro ruidoso, o seu primeiro e mais difícil campo de batalha.

A porta do anfiteatro abriu-se novamente, não com o ímpeto de um aluno atrasado, mas com uma lentidão deliberada, quase cerimonial. E então, ele entrou. A figura não possuía a imponente física que a sua fama sugeria. Era um senhor de ombros um tanto curvados pelo peso dos anos ou dos livros, de cabelos brancos e ralos, e vestia um terno de corte simples, que já vira melhores dias. Não entrou com a pressa dos

jovens nem com a arrogância dos que se sabem esperados. Entrou com a serenidade de quem conhece o seu lugar e o seu tempo.

E no instante em que o primeiro de seus sapatos gastos tocou o piso do anfiteatro, o milagre aconteceu.

O som, aquela muralha de cento e vinte vozes, não diminuiu; ele se desfez. A cacofonia evaporou-se no ar como por um passe de mágica. As conversas sobre o clima, a moda e as festas morreram a meio, as palavras se recolheram à garganta de seus donos. O silêncio que se instalou não foi o silêncio constrangido do medo, mas o silêncio reverente do respeito. Era a quietude que precede a música de um grande maestro, o reconhecimento coletivo e instantâneo de que estávamos diante de um repositório vivo de sabedoria.

O professor caminhou sem pressa até a cátedra. Pousou sobre ela uma pasta de couro envelhecido, de onde o tempo já roubara todo o brilho. Ajeitou os óculos na ponta do nariz e, só então, ergueu o olhar para a sua plateia. E que olhar! Era calmo, profundo, quase melancólico. Um olhar que não parecia apenas ver cento e vinte rostos juvenis, mas que parecia atravessá-los, perscrutá-los. Era o olhar de um semiologista; um olhar treinado para ver além da superfície, para diagnosticar a história por trás da aparência. Senti, por um átimo de segundo, que ele via em cada um de nós não apenas alunos, mas os futuros dramas, as dúvidas e os erros que cometeríamos.

E foi nesse silêncio denso, sob o peso daquele olhar, que uma nova emoção, violenta e inesperada, tomou conta de mim. A angústia que eu trouxera do corredor, a minha sensação de pequenez e de revolta, não desapareceu, mas metamorfoseou-se. Converteu-se numa fome, numa sede febril de conhecimento.

Eu olhava para aquele homem e via, ali, a encarnação do antídoto. Ele era a ordem contra o caos que eu testemunhara. Nele residia o método para decifrar o sofrimento que, até então, para mim, não passava de uma tragédia bruta e sem nome. Aquele saber que emanava de sua figura não era um luxo intelectual; era a ferramenta que faltava às mãos daquela mãe desesperada. Era a gramática que poderia traduzir o choro daquele menino numa hipótese diagnóstica, num plano, numa chance de cura.

Meu coração, antes pesado de tristeza, agora batia com a empolgação do aprendiz diante do mestre artesão. Ali estava o homem que dominava a arte suprema: a de ouvir o que o corpo diz quando a boca se cala; a de construir, a partir de um sinal, de um som, de uma textura da pele, a história íntima de um órgão que falha, de uma vida que periga. A semiologia, em sua figura, não era uma matéria; era o fio de Ariadne que poderia me guiar pelo labirinto da dor humana. Antes que ele dissesse uma única palavra, eu já era seu discípulo mais devoto, pois compreendi que a compaixão, sem a competência, é apenas um

sentimento. Aquele conhecimento teórico, que outrora poderia me parecer distante, era, na verdade, a forma mais potente e imediata de caridade que eu poderia um dia aspirar a praticar.

O silêncio no anfiteatro era absoluto, uma tela em branco sobre a qual duzentos e quarenta olhos esperavam o primeiro traço do mestre. O preceptor, de pé ao lado da cátedra, não abriu a sua pasta de couro. Não pegou em nenhum livro. Apenas pousou as mãos na madeira do púlpito, respirou fundo e, com um timbre que não era de aula, mas de sarau, declamou a primeira frase, atirando-a sobre nós como quem lança uma flor ou um desafio:

— "Nas câmaras cardíacas, ao som de ritmos francos, dançam em festas orgíacas, glóbulos rubros e brancos".

Um instante de perplexidade congelou a sala. Ouvimos o verso, mas não o compreendemos de imediato. A frase pairou no ar, estranha, poética, deslocada da aridez que se espera de uma aula de medicina. Vi meus colegas trocarem olhares furtivos, as sobrancelhas arqueadas em interrogação. A poesia era uma visitante inesperada naquele templo da ciência. Mas o professor não nos deu tempo para a dúvida. Proferiu uma breve pausa, como um ator a medir o efeito de sua fala, e continuou, a voz agora mais firme, pintando com palavras a tela de nosso imaginário:

— "Nos alvéolos, a plebe troca o sopro que o mundo empresta; Paga, em troca do oxigênio, a dívida em gás funesto, Num comércio incessante, em que a vida se manifesta, E o suspiro de um moribundo é o último protesto."

Ele ergueu uma das mãos, como quem rege uma orquestra invisível, e prosseguiu, levando-nos agora para os corredores do pensamento.

— "No trono de cálcio e sombra, um monarca oculto existe, Que de impulsos e de fibra seus decretos envia. A memória, o desejo, a dor, tudo aquilo que persiste, É um relâmpago elétrico nessa imensa monarquia."

Por fim, após um último silêncio, concluiu o seu poema introdutório, amarrando a arte à ciência que viéramos aprender.

— "Mas se a festa se interrompe, se o monarca delira, Se no ritmo uma nota dissonante se insere, Surge o sinal, a denúncia, a linguagem da ira... E o ouvido atento do médico é o que a vida requer."

Ao terminar, ele se calou. E no silêncio que se seguiu, agora um silêncio não mais de respeito, mas de assombro e admiração, eu senti uma onda de pura e genuína satisfação percorrer-me a alma. Era mais que satisfação; era alívio. Era a alegria de quem encontra um oásis após uma longa travessia no deserto da aridez.

Naquele momento, eu soube que não estava louco. A minha ânsia por uma medicina que abraçasse a ciência e a alma, que visse poesia na fisiologia, não era o delírio de um jovem idealista. Era o método daquele mestre. O experiente médico, com aqueles versos, construíra em segundos a ponte que eu passara o dia inteiro a sonhar. Ele nos mostrava que, para decifrar a prosa da doença, era preciso primeiro se encantar com a poesia da vida.

Enquanto meus colegas talvez vissem naquilo uma excentricidade de um velho professor, eu via a chave-mestra. Vi ali Rafael e a sua teoria das duas mãos em plena prática. Aqueles versos eram a "mão esquerda", a mão da alma, que nos convidava a olhar para o corpo não como uma máquina defeituosa, mas como um reino complexo e maravilhoso. Ele nos ensinava a reverência antes de nos ensinar a técnica. Estava nos dizendo que um bom médico precisa ser, antes de tudo, um humanista, um poeta capaz de se assombrar com a "festa orgíaca" dos glóbulos, para só então poder identificar com precisão quando e por que a música parou de tocar.

A minha fome de conhecimento teórico, antes já grande, tornou-se voraz. Mas agora, era uma fome diferente. Eu não queria apenas o saber que disseca e cataloga; eu ansiava por aquele saber que, primeiro, celebra a vida em sua assombrosa complexidade, para só então, com a humildade de quem serve a algo maior, aprender a remendá-la. Professor Porto não ia nos

dar uma aula de semiologia. Ele ia nos ensinar a ler o mais épico e trágico dos poemas: o corpo humano. E eu, por fim, sentia que chegara em casa.

Quando a última sílaba do poema se dissolveu no silêncio, ele deixou que o seu efeito pairasse sobre nós por mais alguns segundos. Seus olhos percorreram o anfiteatro, e nos viu, não mais como uma plateia perplexa, mas como um solo arado, pronto para a semente. Então, sua voz retornou, agora sem o tom do bardo, mas com a gravidade serena do mestre.

— Talvez alguns de vós se perguntem — começou ele, a voz calma preenchendo cada canto da sala — por que iniciamos uma aula sobre os sinais do corpo com a linguagem da alma, que é a poesia. E a resposta, meus caros, é o primeiro e mais importante preceito da arte que hoje começam a aprender.

Caminhou lentamente de um lado para o outro da cátedra, o corpo magro movendo-se com uma economia que era, em si, uma lição.

— Nós não somos mecânicos. A medicina não é uma oficina. E o ser humano que um dia se sentará à vossa frente, despido em sua frágil humanidade, não é uma máquina. Uma máquina, senhores, tem um manual de instruções. Um ser humano tem uma biografia. Uma máquina, quando falha, tem uma peça quebrada. Um ser humano, quando adoece, tem a sua história interrompida.

Inclinei-me para a frente, absorvendo cada palavra. Aquelas frases eram o bálsamo que a minha alma aflita necessitava. Eram a formulação exata de todo o caos que eu sentira.

— Uma máquina não teme, não espera, não ama. A sua função é puramente utilitária. O homem, contudo, é um universo de complexidades. A doença que investigaremos, o sinal que aprenderão a palpar, a auscultar, a percutir, nunca é um evento isolado. É um capítulo num romance muito mais vasto. É o produto de suas alegrias e de suas tristezas, de suas noites mal dormidas, de seus amores perdidos, de sua condição social, de suas crenças. Qual manual de instruções prevê o medo da morte? Qual diagrama elétrico explica a solidão de uma madrugada num leito de hospital?

Ele parou no centro e fitou-nos, e seu olhar parecia nos desafiar a compreender a profundidade de nossa futura missão.

— E é aqui que entra a nossa arte, a arte de cuidar. Pois cuidar não é o mesmo que consertar. Consertar é um ato técnico. Cuidar é um ato humano. E para cuidar, é preciso, antes de tudo, o conhecimento. Um conhecimento vasto, profundo, rigoroso.

Sua voz ganhou um tom de aço, uma severidade paternal que nos fez endireitar nas cadeiras.

— Não se iludam. A compaixão, sem a competência, é inútil, e por vezes, cruel. Sentir pena do doente sem saber

diagnosticar a sua moléstia é oferecer um abraço quando ele precisa de um bisturi. O bom coração, desarmado da ciência, não passa de um espectador bem-intencionado da tragédia alheia. Portanto, vocês estudarão como monges. Devorarão os livros. Passarão noites em claro para dominar a fisiologia, a patologia, a farmacologia. A excelência técnica não é uma opção; é o vosso dever moral mais básico. É a primeira face do amor ao próximo.

Eu sentia o meu próprio juramento silencioso sendo ecoado e amplificado por aquela voz. A fome de saber que me invadira ganhava ali a sua legitimação ética.

— Mas — continuou ele, e sua voz voltou a se abrandar — este é o ponto em que a maioria falha. O conhecimento, por sua vez, entregue com a frieza de um relatório, não cura o doente; apenas constata a doença. A excelência, desprovida de acolhimento, é uma virtude incompleta. É tratar a carcaça e esquecer-se do homem. É aqui que o nosso conhecimento humano, a nossa cultura, a nossa sensibilidade, a nossa capacidade de ouvir e de tocar, devem entrar. O amálgama perfeito, o objetivo desta escola e da vida de cada um de vós, é forjar um profissional que tenha um cérebro que fervilha de ciência e um coração que não se esqueceu de como sentir. É saber oferecer o diagnóstico mais preciso com a mesma mão que sabe amparar, com a mesma voz que sabe consolar. Isso,

senhores e senhoras, é a arte de cuidar. É para aprender os alicerces dessa arte que estão aqui hoje.

Dr. Porto concluiu sua fala e, por um instante, o silêncio no anfiteatro adquiriu uma nova qualidade. Já não era de reverência passiva, mas de reflexão ativa. Era como se ele tivesse nos entregado um objeto pesado e complexo, e cada um de nós, em seu íntimo, o estivesse virando e revirando, tentando compreender-lhe o peso e a forma. Vi nos rostos ao meu redor uma gama de reações. Em muitos, a impaciência de quem, tendo ouvido o sermão, aguarda ansioso pela parte prática da missa, pelo rito que se pode anotar e decorar. Em outros, uma genuína perplexidade, como se a perspectiva de aliar o coração ao cérebro fosse uma complicação indesejada, um fardo a mais numa jornada já tão árdua.

E vi, com uma clareza melancólica, a imensa distância entre o ideal que aquele mestre desenhava e a realidade que eu presenciara no andar de baixo. Aquele "amálgama perfeito" não era apenas uma meta a ser atingida; era a denúncia viva de tudo o que faltava àquele sistema. A excelência sem acolhimento era a razão daquela mãe ter percorrido os postos de saúde em vão. A compaixão sem competência era a sua própria e dolorosa impotência diante da dor do filho. Aquele médico não estava apenas nos dando uma aula; estava nos entregando um espelho, e a imagem que ele refletia, a da nossa medicina real, era disforme e trágica.

Foi então que o professor se moveu. Com a mesma calma com que declamara o poema, ele se virou para a grande lousa negra que dominava a parede atrás de si. Apanhou um pequeno pedaço de giz, e o simples som do contato daquele objeto com os seus dedos nodosos pareceu selar um pacto.

— Agora — disse ele, a voz novamente prática, mas ainda impregnada da filosofia que a precedera —, que estabelecemos o espírito de nossa arte, começemos com o seu alfabeto. Pois a Semiologia é isto: o alfabeto com que se aprende a ler o corpo. Antes de interpretar o poema, é preciso dominar as letras.

O som do giz arranhando a superfície da lousa foi, para mim, o verdadeiro início da aula. Foi o primeiro traço, o primeiro gesto concreto na direção da cura. Aquele pó branco se convertia diante de meus olhos na matéria-prima da esperança, na ferramenta que poderia, um dia, transformar a minha compaixão inútil em ação efetiva.

Olhei para o meu caderno de folhas virgens, para a minha caneta, e senti um novo tipo de determinação. A aula que se seguiria não seria um mero exercício de memorização de termos técnicos, de síndromes e de manobras. Seria o início do meu treinamento como artífice. Cada sinal que ele nos ensinasse a identificar — cada sopro, cada macicez, cada murmúrio — seria uma letra que eu aprenderia a usar para ler as histórias de dor e dar-lhes, senão um final feliz, ao menos um parágrafo de alívio e dignidade.

A tagarelice de meus colegas agora me era completamente indiferente. A solidão que eu sentira se convertera em foco. Eles queriam o diploma. Eu, depois daquele dia, depois do ipê, do corredor e daquela mãe, compreendi que buscava algo mais. Buscava a alquimia. A capacidade de transformar o conhecimento em cuidado, a ciência em consolo. A de ser, um dia, um médico de duas mãos, como aquele mestre que, naquele exato momento, escrevia na lousa a primeira palavra de nosso novo idioma: *Anamnese*.